

Pacote é visto como paliativo às reformas

Para economistas, governo precisa manter cronograma acelerado para reformas e privatização

DENISE NEUMANN

O pacote de ajuste fiscal aumenta a credibilidade externa do Brasil, mas não é a solução definitiva para os problemas da economia brasileira. Para os economistas que se dedicam a acompanhar o cenário macroeconômico, o pacote recebeu classificações como "degrau", "ganho de tempo", "paliativo" ou "grande curativo". O remédio efetivo são as reformas. Com a mesma intensidade com que decidiu fazer um ajuste de suas contas (ainda que com aumento de impostos), o governo precisa manter um cronograma acelerado para as reformas e para a privatização, observam esses analistas.

Para o diretor do Departamento de Economia do BMC, Marcelo Allain, o governo precisa se preocupar em demonstrar melhorias de longo prazo. O pacote, diz, reduziu muito a possibilidade de um ataque especulativo ao real no curto prazo. "Olhando isoladamente para o Brasil, o risco está afastado", afirma. "Mas se uma crise sacudir o mundo todo, o Brasil tende a sacudir."

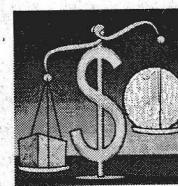
A solução, avalia, são as reformas e mesmo em ano eleitoral o governo precisa se dedicar à sua aprovação.

A volta do financiamento externo ainda não pode ser encarado como uma certeza, diz Dany Rappaport, economista-chefe do Banco Santander.



Roberto Setton/AE

Mallmann: pacote funciona como um "grande curativo"



PAÍS AINDA
NÃO SOFREU
ATAQUE
ESPECULATIVO

"Continuamos vulneráveis ao setor externo", afirma. A confiança, pondera, não é restabelecida automaticamente. O comportamento imediato da bolsa de valores (alta pequena na segunda e pequena queda até metade da tarde de terça) e do mercado futuro de juros e dólar

(queda fraca) indicou que "o mercado vai precisar de mais tempo para rever sua percepção sobre o Brasil", avalia Rappaport. Quanto tempo mais será necessário é um incógnita.

Para o diretor-econômico do Bicbanco, Paulo Mallmann, o pacote de ajuste foi positivo, mas funciona como um "grande curativo". A receita definitiva, diz, são as reformas e ne-

hum vacilo no programa de privatização. A redução dos juros, ainda vai demorar um pouco. "As taxas só começaram a cair quando o governo conseguir recompor as reservas perdidas no começo de todo este processo de crise", avalia Mallmann.

Carlos Guzzo, superintendente do Departamento Econômico do Banco Pontual, avalia que o pacote não permite a ninguém "soltar rojões". "Ganhamos um tempo e é preciso aproveitá-lo para encaminhar as reformas", observa.

A possibilidade de o Brasil ser a "bola da vez", afirma, não ficou definitivamente afastada, embora não se coloque mais como perspectiva de curto prazo.

Até agora, diz, o Brasil não sofreu uma ataque especulativo de verdade. "Mas se o País demonstrar fraqueza, mais para a frente um ataque pode ocorrer", pondera. A receita, repete, é acelerar as reformas.